

32 contra todas: análise da rede de denúncia e solidariedade no Twitter¹

Luísa Perdigão ZIGONI²

Bianca BORTOLON³

Fábio MALINI⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

O presente artigo pretende tecer uma análise da rede de interações que se formou em decorrência do caso de estupro coletivo de uma adolescente, envolvendo trinta e dois homens, no Rio de Janeiro. Após a divulgação do vídeo da agressão por um dos envolvidos em sua conta pessoal no Twitter, rapidamente o assunto viralizou e uma rede de denúncia e indignação se formou. Logo, mobilizações feministas tomaram as redes sociais e entre mensagens de apoio e sororidade, instigaram o debate acerca da cultura do estupro e da violência contra a mulher na sociedade brasileira.

Palavras-chave: movimentos sociais; redes sociais; feminismo; análise de rede; violência contra a mulher.

Introdução

Desde meados da década de 1990, com a emergência do neozapatismo, os movimentos se imbricaram com as tecnologias virtuais para a construção de um agir coletivamente. As novas Tecnologias de Informação e Comunicação (nTICs) possibilitaram um processo de comunicação autônomo e horizontal, tornando as redes sociais e as plataformas sem fio componentes indispensáveis e uma característica convergente na série de protestos que se sucederam no mundo e no Brasil. Com o aprimoramento de uma internet ainda mais participativa, os processos de ocupação de rua, mediados no ciberespaço, se multiplicaram.

A disponibilidade de uma tecnologia adequada é uma das condições necessárias para a transformação da estrutura social, pois permitem o surgimento de projetos autônomos de redes organizacionais formadas por interações sociais online. Dessa forma,

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Ufes, email: luisazigoni@gmail.com

³Estudante de Mestrado da Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Ufes, email: biancabortolon@gmail.com

⁴Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Jornalismo da Ufes, email: fabiomalini@gmail.com

Manuel Castells (2013) traz a concepção de redes sociais digitais baseadas na internet como ferramenta de luta decisiva para organização e mobilização contemporâneas. A conexão latente entre internet e movimentos sociais em rede, para o sociólogo espanhol, construiu uma *cultura da autonomia* em relação às instituições de dominação como uma forma de resistência.

Portanto, é na ocupação do espaço público que a resistência se materializará. Através do estreitamento da relação *rede-rua*, uma nova concepção do espaço como ser híbrido e autônomo se consolidará e Castells o define por uma íntima conexão do ciberespaço com o espaço urbano, em que a comunicação é a essência dos protestos e a internet, o suporte na difusão de lutas e no compartilhamento de narrativas. As redes sociais digitais, então, exercem o papel de veículo do ativismo, ou chamado ciberativismo, um fenômeno que caracterizou os levantes em torno do globo, como foi na Primavera Árabe no Oriente Médio, na ocupação de ruas na Turquia, o movimento dos Indignados, na Espanha, e as manifestações no Brasil, a começar pelas Jornadas de Junho de 2013.

A partir dos protestos que se seguiram em 2013, a agenda feminista se fez presente, apesar de um movimento ainda recluso a poucas ações pontuais já estabelecidas, como a Marcha das Vadias. Entretanto, a pequena mobilização aliada a pautas conservadoras em trâmite no Congresso Nacional, a exemplo do Estatuto do Nascituro (Projeto de Lei 478/2007) o qual claramente viola direitos constitucionais da mulher, foram um dos gatilho essenciais para a ampla difusão do feminismo nas redes sociais.

Em confluência com as potencialidades comunicativas do ambiente digital, o movimento passa a ter as redes sociais como um espaço de práticas e expressões coletivas, antes desconhecidas, com novas significações e endereçamentos múltiplos (TOMAZETTI, 2015). Dessa forma, é na internet que será construída uma plataforma propícia para a difusão de ideias, debates e mobilização online em torno de questões que circundam o ser mulher na sociedade brasileira e no mundo, dentro de um espaço no qual o feminino passa a ser protagonista e assume o papel de produtor e difusor de conteúdos voltados a temática em questão.

Se o feminismo emergiu, no passado, dos movimentos sociais e da academia, hoje não se pode ignorar a mídia como um de seus cenários de formação, discussão e reflexão (LEAL, 2015) e, em escala mundial, é um dos movimentos sociais que mais se valem da lógica de produção simbólica e organização no que tange as redes sociais digitais

(BORTOLON, 2015). Por conseguinte, o presente artigo busca traçar um panorama das mobilizações feministas no Twitter através da análise da rede de denúncia e aversão que se constituiu após a divulgação do vídeo de um estupro coletivo na conta pessoal de um dos agressores envolvidos. O caso, ocorrido em maio de 2016 na cidade do Rio de Janeiro, despertou, além de retaliações e culpabilização da vítima, uma ampla rede de solidariedade e indignação, fenômeno que tem se tornado recorrente e estimulado diversas campanhas online, como #mulherescontracunha, #primeiroassédio, #meuamigosecreto, #chegadefiufiu, #nãomereçoserestuprada, #meuprofessorabusador e #meuprimeirobo.

Notas metodológicas

Através do método das perspectivas de análise de redes sociais, proposto por Fábio Malini (2016), objetiva-se identificar e compreender os pensamentos que formam a rede, a fim de analisar como as conexões dispostas configuram rastros digitais que expressam pontos de vista coletivos e compõe uma globalidade.

Toda rede é uma sobreposição de camadas de redes que vão adensando relações e se dissociando entre si no tempo. Essas camadas de redes revelam pontos de vistas particulares sobre o fenômeno, fornecendo ao pesquisador uma multiplicidade de grupos de opinião, de julgamento, de mobilização e de difusão que não se reduzem a nenhum sentido totalizante e genérico do Uno. (MALINI, 2016, p.9)

A partir desta concepção, embasada no *perspectivismo ameríndio* do antropólogo Eduardo Viveiro de Castro, esta abordagem teórico-metodológica traz a concepção dos pontos de vista que emergem de relações de repulsão e atração na rede, dispostas em aglutinações grupais. A riqueza dos grupos constituídos está no pensamento compartilhado que as determinam, onde o sujeito, ao assumir uma perspectiva com o outro sobre uma temática em questão, revela seu ponto de vista e fornece ao pesquisador pistas acerca de posicionamentos coletivos e padrões de comportamento presentes capazes que influir nos sentidos dos acontecimentos sociais (MALINI, 2016).

Para a realização da coleta no Twitter foi utilizado o *script* Ford⁵, tecnologia de extração e mineração de dados desenvolvida pelo Laboratório de Imagem e Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo (Labic-Ufes). Ao todo, foram contabilizados

⁵ A mineração (MINE), a filtragem (SIFT) e a análise (PARSE) foram feitas a partir de diferentes scripts desenvolvidos pelo Labic e englobados num Wrapper em Python para automatização do processo.

999.826 tweets, referentes a 343.543 usuários. Dos quase um milhão de tweets, 743.776 foram retweets e 62.662 continham menções a outros usuários.

A visualização da grande quantidade de dados advindos da coleta se deu por meio da utilização do *software* de código aberto Gephi⁶, que permitiu a plotagem de grafos (Imagens 2 e 4) a partir da aplicação de duas estatísticas substanciais ao estudo: Grau de Entrada (*Weighted In-Degree*) e Modularidade (*Modularity Class*). O primeiro cálculo demonstra os nós com maior popularidade, ou seja, determina um valor aos nós baseado na quantidade de retweets que um perfil recebeu em seus mensagens. Já a métrica da modularidade busca detectar comunidades em redes complexas, conferindo cor para os nós que as constituem. Dessa forma, o agrupamento será definido por um conjunto de nós de mesma cor que indicarão relações de aliança entre pontos de vista, com o intuito de compreender disputas, posicionamentos, controvérsias e associações.

Por último, como forma de auxiliar a análise referente ao conteúdo semântico presente no *dataset*, utilizou-se nuvem de palavras e de *hashtags* que obtiveram maior incidência no período determinado (Imagem 1 e 3), a fim de apreender as temáticas que estavam em voga.

Contextualização e análise do caso

“Amassaram a mina, entendeu ou não entendeu?”. A frase, em tom de deboche, veio acompanhada de um vídeo compartilhado no Twitter pelo usuário @michelbrasil7 numa quarta-feira, dia 27 de março. Nele, em meio a risos, jovens mostram uma garota de 16 anos desacordada e com o órgão genital sangrando. “Olha como está sangrando, olha como o trem passou”, gabava-se o agressor. Além dele, outros trinta e dois homens participaram do estupro coletivo, ocorrido em uma comunidade no Rio de Janeiro. Em um país que registra um caso de estupro a cada 11 minutos, segundo dados de 2014 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, nos deparamos com um ocorrido bárbaro, de proporções assustadoras, a partir de uma divulgação às claras e irônica, banalizando a chocante violência sofrida pela adolescente.

Em questão de horas, usuários da rede social mostraram-se indignados com a publicação do crime e deram início a uma série de denúncias à Polícia Federal e a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro como forma de cobrar ações e enviar dados sobre os

⁶ Gephi é um programa de código aberto para análise de rede e visualização de grandes dados, utilizado como principal ferramenta para examinar redes no Twitter, Facebook e outros sites sociais. O download pode ser feito em www.gephi.org.

estupro como tema geral. Tópicos como o esclarecimento sobre a cultura de estupro, repúdio ao crime de estupro e principalmente à culpabilização da vítima permearam os debates.

Três perfis destacam-se na rede: @majutrindade, @cleytu e @itspedrito. Todos, assim como diversos outros presentes na rede, tem como característica em comum o cunho humorístico. Entretanto, mesmo tais perfis, sempre presentes em outras redes virais graças às piadas envolvendo a pauta em questão, mobilizaram-se de modo a repudiar o ocorrido, incentivando a denúncia dos agressores entre seus seguidores e suscitando a importância e seriedade das discussões sobre estupro, jamais tratando-o como uma questão humorística e inclusive repreendendo quem assim fizesse. Perfis de humor, quando se engajam em temas políticos, atraindo consigo uma massa de opinião que ultrapassa visões políticas mais ideologizadas, estimulando o “povão” a reagir e pensar sobre o tema. Eles são um dos índices para averiguar quando um tema sai das bolhas partidárias, ativistas e midiáticas.

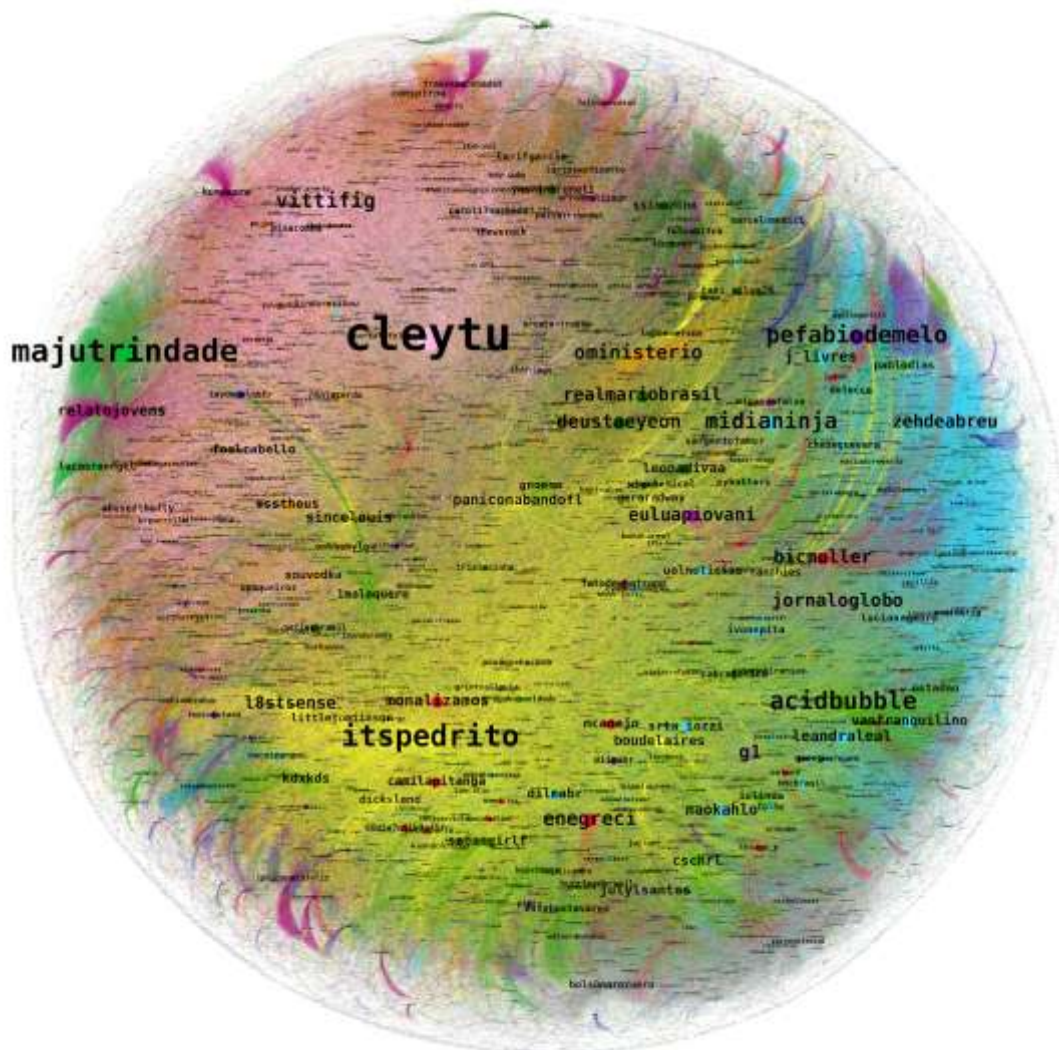


Imagem 2- Grafo de retweets.

Em redes de assuntos virais, uma constante já aguardada é a alta participação midiática, em especial de veículos tradicionais. No entanto, o grafo mostra um não protagonismo da imprensa como um todo, com apenas três nós de destaque aparente (@g1, @jornaloglobo e @midianinja). Ainda assim, a @midianinja possui maior relevância, estando inclusive diretamente conectada à personalidades com histórico de luta política à esquerda, como @zehdeabreu e @leandrleal.

A cobertura da imprensa iniciou horas após a viralização, algo criticado por ativistas como demonstração de desinteresse midiático em relação aos assuntos de violência contra a mulher e, especialmente, àquela ocorrida dentro da favela. Além disso, os usuários questionam o modo como a notícia é divulgada devido ao uso da palavra “suposto” para se referir ao crime ou à vítima mesmo quando há evidências em vídeo sobre o ocorrido. A relevância da imprensa acontece na rede no momento em que se iniciam as confirmações sobre o estado de saúde da vítima e o acompanhamento da investigação criminal do caso, hoje amplamente divulgado pelos principais veículos de comunicação.

As discussões da rede de RTs têm como tema central o estupro, de modo a repudiá-lo mas também promover um debate didático, desmistificando o ato. Em sua maioria, as discussões estão ligadas à culpabilização da mulher em casos de abuso, reprovando as justificativas criadas para transferir a responsabilidade do abusador para a vítima. Os usuários também frisam a importância de pôr em pauta a cultura do estupro: o que é, de quais formas ela se manifesta e como combatê-la, mais uma vez mostrando o caráter didático dos debates. Foram criados uma *hashtag* #culturadoestupro e um *badge* (filtro utilizado em fotos de perfil) com os dizeres “Pelo fim da cultura do estupro” para aqueles que desejassem demonstrar apoio simbólico à luta. Além dela, diversas outras *hashtags* foram criadas com propósitos semelhantes.

Além disso, houve alusão a casos recentes de grande repercussão na mídia a fim de ilustrar o panorama de constante medo em que as mulheres estão sujeitas. Dentre eles, foi lembrado o recente caso de estupro coletivo no Piauí, que resultou no falecimento de uma das vítimas, o atentado à apresentadora Ana Hickmann e a denúncia de violência doméstica registrada pela atriz Amber Heard, casada com o ator Johnny Depp. As constantes afrontas sofridas por mulheres no meio político foram recordadas através da recente audiência de

À medida em que surgiram novas informações sobre a jovem, independentemente de sua veracidade, notou-se um crescimento nas justificativas para o crime baseadas no comportamento da mulher. Pensamentos como “ela sabia no que estava se metendo”, “ela pediu por isso” ou “ela estava acostumada” foram frequentes e reforçam os dados levantados pela pesquisa “Tolerância social à violência contra mulheres”, divulgada pelo IPEA em 2014, no qual 58,5% dos entrevistados concordam total ou parcialmente com a afirmação que “Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”.

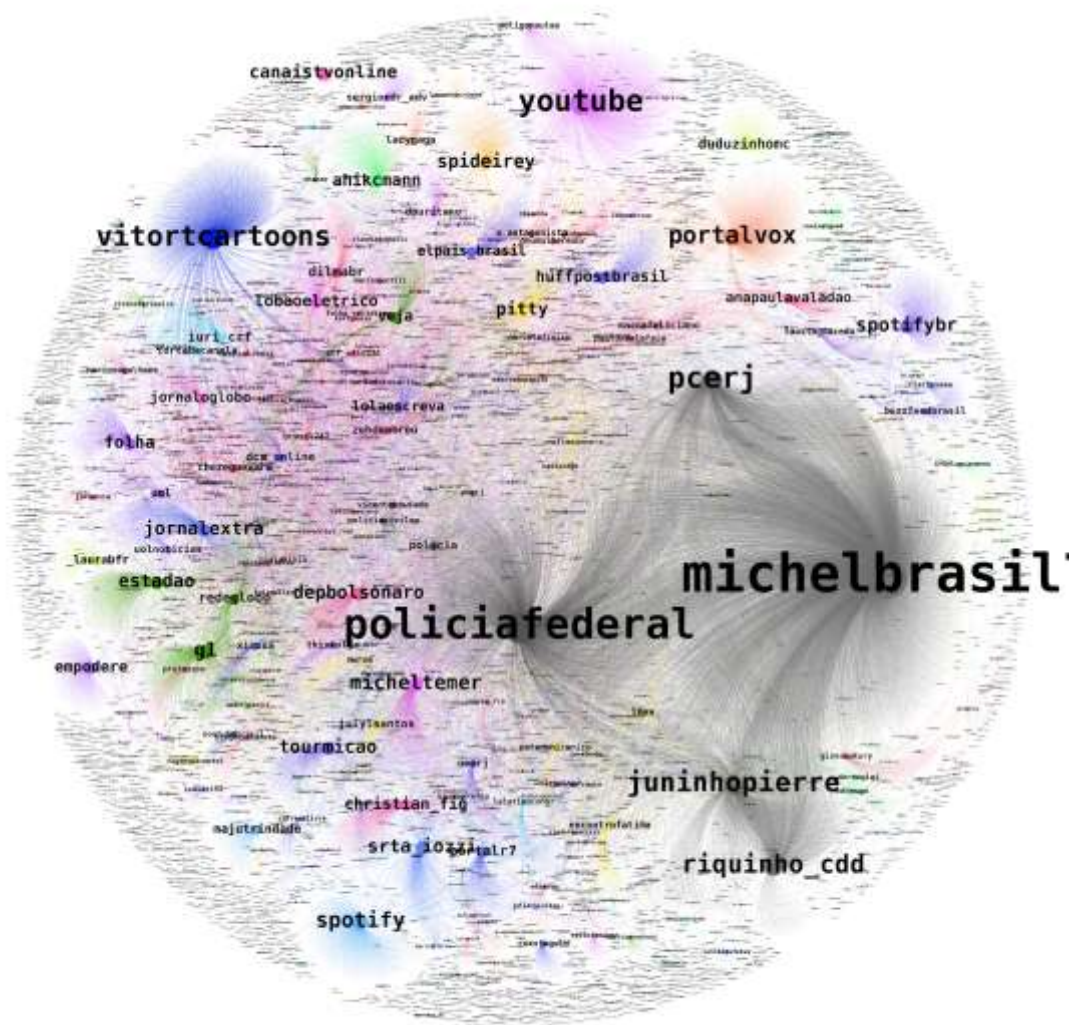


Imagem 4- Grafo de menções.

O grafo de menções (Imagem 4) apresenta-se de modo bastante diferente do que o de RTs e deixa claro a particularidade da rede: o teor de ativismo pela denúncia. A partir da topologia dos nós, observa-se nitidamente uma clusterização formada pelos perfis mais mencionados da rede: @michelbrasil, @policiafederal, @pccerj, @juninhopierre e

@riquinho_cdd. O ato de menção aos perfis supracitados, configura o caráter de denúncia da rede, mobilizada com intuito de cobrar ações e enviar informações aos órgãos policiais, Polícia Federal e Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro. Em rede, a denúncia é em tempo real, apesar das instituições ainda não estarem preparadas para percebê-la na mesma velocidade.

O perfil com maior número de menções foi @michelbrasil7, suspeito de envolvimento no caso e quem divulgou em sua conta pessoal no Twitter o vídeo do estupro. Diretamente conectado ao nó, estão outros dois perfis: @juninhopierre e @riquinho_cdd, ambos suspeitos de envolvimento no caso. Os tweets relacionados aos usuários dividem-se entre escracho e tentativa de alerta às autoridades, e informações pessoais, como número do celular, referentes aos suspeitos, começam a ser compartilhados intensamente na rede.

Observa-se a presença de perfis de personalidades e ativistas influentes na rede social como @lolaescreva (<http://bit.ly/1slnn9K>), @pitty (<http://bit.ly/1NXHvsg>) e @srta_iozzi (<http://bit.ly/1PakG5b>). Em rede de Menções, é comum que os perfis (os pontos da rede) sejam os que mais atraem comentários e discussões. São usuários que comumente se posicionam à respeito de assuntos polêmicos que estão em voga e, desta maneira, se tornam referência pelo engajamento em discussões com temáticas relacionadas ao feminismo. Além destes, o cartunista Vitor Teixeira, @vitortcartoons, obteve significativo número de menções relacionadas à charge de sua autoria, a qual fez crítica à culpabilização da vítima.



Imagem 5- charge do cartunista Vitor Teixeira.

Na rede ampla que se constituiu, houve a alusão à casos anteriores de violência contra a mulher. No grafo em questão, há a menção do perfil da Ana Hickmann (@ahickmann), devido ao atentado que a apresentadora sofreu recentemente. Outro perfil que adquiriu notoriedade foi a do serviço de streaming @Spotify, que disponibilizou aos usuários uma *playlist* intitulada #estupronãoéculpadavítima. A ação gerou uma reação positiva no Twitter e agradecimentos e parabenizações foram feitas ao perfil da plataforma.

Os outros destaques são os perfis do Youtube e de mídias tradicionais. Com a repercussão do incidente, diversos *youtubers* pronunciaram-se sobre o tema, seja especificamente sobre o caso ou não. O alto número de menções no Twitter acontece graças a uma ferramenta que publica automaticamente o ‘gostei’ dado pelo usuário em um determinado vídeo. O mesmo ocorre com perfis midiáticos como @jornalextra, @estado e @folha: usuários compartilham através de uma recurso que indica a fonte via menção ao perfil do veículo.

Conclusões

O fato nasceu em rede e foi por ela potencializado, sendo desde as raízes uma rede ativista. Poucas horas após a divulgação do vídeo no Twitter, os usuários estavam mobilizados em denunciar o caso às autoridades responsáveis e tornar conhecidos tanto o ocorrido quanto os perfis dos agressores. A repercussão aumentou à medida que a rede se engajava a fim de tornar o fato cada vez mais conhecido, migrando os relatos sobre o ocorrido do Twitter para o Facebook.

Os grafos reafirmam a formação dessa densa rede de mobilização pela denuncia aos agressores e de intensa discussão sobre o caso, e o que ele representou no contexto brasileiro. Houve um amplo debate acerca do conceito “cultura do estupro”, até então recluso em círculos de ativismo feminista, cultura esta que deu base à divulgação debochada de um crime horrendo cometido contra não uma, mas todas nós mulheres. No *dataset* do Twitter, os comentários misóginos permaneceram em número absolutamente minoritário, prevalecendo o debate didático sobre o crime de estupro nessa e nas mais diversas situações em que ele possa ocorrer. Ao longo do período analisado, textos e tweets de apoio à vítima e contestatórios daqueles que a culpabilizam pelo crime sofrido viralizam e mostram o sistema de empatia e sororidade construída via redes sociais.

Diante das inúmeras mensagens de apoio e solidariedade compartilhadas, a jovem, vítima do estupro coletiva, agradeceu e escreveu no seu perfil do Facebook: “Realmente

pensei que seria julgada mal” e acrescentou: “Não dói o útero, e sim a alma”. Ao que depender de toda a rede mobilizada pelo apoio à vítima e denúncia aos agressores, a culpabilização da vítima não será tolerada e não haverá complacência com a cultura do estupro.

Em decorrência ao caso, a narrativa de aversão e revolta das redes sociais reverberou nas ruas. Manifestações ocorreram em Porto Alegre, Brasília, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, dentre outras cidades. É importante ressaltar que a co-habitação entre movimento e tecnologia tornou a Internet, especialmente as redes sociais, uma mediadora - e medidora da temperatura - das ruas. O ambiente virtual, hoje, tornou-se um terreno fértil para organização coletiva e um instrumento de luta política, principalmente para o movimento feminista contemporâneo. Mais que isso, o movimento via internet proporcionou a derrubada de um dos grandes obstáculos às mulheres: a vergonha e o silenciamento frente a agressões cotidianas, e passam a ampliar o debate acerca do feminismo e construir uma agenda política em torno de pautas reivindicando direitos.

Referências bibliográficas

BORTOLON, Bianca. MALINI, Marianne. MALINI, Fábio. **Gênero e Ativismo Online: um estudo de caso da campanha Não Mereço Ser Estuprada no Facebook**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2015, Rio de Janeiro. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3524-1.pdf>>.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 1º ed., 2013.

LEAL, Tatiane. **'Chega de fiu fiu': mobilização feminista e direito à cidade na era da internet**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2015, Rio de Janeiro. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015. p. 1-13. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1970-1.pdf>>.

MALINI, Fábio. **Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologia e temporalidade em rede**. Compós, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/1P9SutE>>.

RECUERO, Raquel. **Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma**. Revista Fronteiras (Online): Vol 16, p.1, 2014. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.162.01>>.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. **O feminismo na era digital e a (re)configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero**. Razón y Palabra, v. 90, p. 1-17, 2015. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/o-feminismo-na-era-digital-e-a-reconfiguracao-de-um-contexto-comunicativo.html>>.